

# DESAFIOS NA ATUAÇÃO EM TIMOR-LESTE: CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES TIMORENSES E BRASILEIROS

Fechando essa etapa do PQLP, após mais de uma década de atuação em Timor-Leste, com esse artigo gostaríamos de agradecer a todos as pessoas envolvidas, desde o povo timorense que sempre nos recebeu com carinho e atenção, especialmente ao Ministério da Educação, Infordepe e UNTL, à Embaixada Brasileira, que sempre nos apoiou, à CAPES, ao Ministério das Relações Exteriores, à Universidade Federal de Santa Catarina pelo suporte com os recursos humanos, à todas as instituições timorenses que nos ampararam e, finalmente, aos cooperantes brasileiros que atuaram nesse contexto, tornando possível essa cooperação internacional.

Nossa atuação como coordenadores, que aconteceu a partir do ano de 2009, pode ser resumida em quatro frentes: 1) apoio à Universidade Nacional de Timor Lorosa'e (cursos de formação de professores, organização de eventos, formação de grupos de pesquisa, co-docência; 2) Projeto de Capacitação de Professores da Educação Básica (formação inicial e continuada, cursos de curta duração, projetos temáticos desenvolvidos nas escolas em Díli e em Baucau); 3) Ensino de língua portuguesa nos Ministérios e na preparação de estudantes, que foram estudar no Brasil e em Portugal; 4) A frente de apoio à comunicação composta pela página semanal no Jornal Matadalan, mostras de cinema e pela TV-Educativa, com a produção e, principalmente, revisão de tele aulas elaboradas pelos parceiros timorenses, para formação de professores. Todas essas frentes estão registradas em artigos, teses, dissertações, trabalhos apresentados em congressos, livros, entre outros. É possível conferir algumas dessas atividades no site do ([www.pqlp.br.pro](http://www.pqlp.br.pro)).

Nessa trajetória, muitas foram as questões que nos desafiaram e que tornaram possível uma aprendizagem sobre o que era essa cooperação internacional: o que é necessário para um professor que atua nessas cooperações em contextos complexos interculturais? Como produzir e implementar práticas emancipatórias que visem a descolonização de saberes? Qual seria o melhor perfil de professores, para atuarem nesses contextos? Que ciência e tecnologia ensinar nesse país com uma democracia recente e pluriversidade cultural? Como a política linguística influencia no glotocídio (assassinato de línguas) das línguas maternas? Qual o papel do Brasil na implantação da Língua Portuguesa? Quais aprendizagens tiramos dessa cooperação para o Brasil?

Num contexto plurilíngue e com condições precárias, as dificuldades certamente aumentam. Associado a isso, quando a cooperação internacional foi iniciada em 2005, o programa não previa um trabalho de formação continuada aos professores brasileiros e nem um suporte de alguma instituição universitária brasileira. É certo que muitos destes já haviam vivido situações muito particulares ou parecidas ao que vivia o Timor-Leste, se pensarmos na imensidão que é o Brasil. A partir de 2009, a UFSC passa a coordenar o PQLP, promovendo assim algumas alterações em sua organização.

A partir de nossa vivência no programa e de alguns dados de pesquisa, trazemos algumas falas dos cooperantes que podem contribuir para aprimorar o perfil nessas cooperações internacionais.

O conhecimento específico de cada um em sua área de origem é muito importante, mas não suficiente. De um modo geral, entender qual o nosso papel, enquanto cooperação, as intenções do governo brasileiro, o impacto e a importância de nossas intervenções no país são fundamentais para um bom exercício das atividades dos cooperantes. Para tanto, consideramos que o estudo constante de teorias pós-coloniais nos ajudam a refletir tanto sobre a nossa atuação, quanto a dos demais agentes internacionais.

É preciso saber viver e atuar na diversidade (MENDES, 2004); ter a capacidade de adaptação a essa nova cultura, ter criatividade para trabalhar em condições adversas. Também é necessário um total respeito às diferenças culturais, indo além das nossas expectativas. Para tanto, é fundamental compreender que uma ação de cooperação é parceria e não ajuda. Como dizem alguns cooperantes “o Timor não precisa de salvadores, porque não está em perigo”.

É preciso também saber planejar, produzir, projetar o seu ensino (MENDES, 2004). Nesse caminho, é preciso ouvir mais e falar menos. Não é possível vir ao Timor-Leste somente para aplicar suas habilidades técnicas e metodológicas docentes. É preciso planejar, avaliar e retomar objetivos e novamente planejar. O que fazer quando se chega em contextos em que disciplinar pode ser pela dor e castigo? É preciso trabalhar com os conhecimentos que temos e planejar sempre, tendo a capacidade de refazer e retomar ações que parecem não acontecer como o esperado. É preciso reinventar a prática docente para articular saberes locais, tanto ao nível afetivo quanto cognitivo.

Além disso, pode acontecer a demanda de uma área diferente de sua especialidade e essa adaptação é necessária.

A linguagem também é importantíssima, nesse país plurilíngue. O uso de uma linguagem mais coloquial proporciona um melhor entendimento e possibilidades para que o outro construa o problema.

Nesse contexto, encarar estruturas físicas e condições de trabalho hostis é fundamental para o desenvolvimento de um bom trabalho.

É preciso saber refletir sobre si, sobre os outros, sobre o mundo que o cerca (MENDES, 2004). Algumas respostas foram dadas pelos cooperantes na pergunta “o que é necessário a um professor que atua nesses contextos?” as quais demonstraram a maturidade da equipe: abertura de formas de pensar, diálogo e maior integração, espírito cooperativo, alteridade, flexibilidade, humildade, bom senso, disposição, pesquisa, desprendimento, sensibilidade, respeito e escuta sensível, bom relacionamento entre os cooperantes mesmo que estritamente profissional, aprender e se desprender.

Enfim, para finalizar é preciso:

- compreender que há diferenças entre os povos e que não se irá substituir um conhecimento por outro
- Saber que conhecimento é processo (alteridade, decolonialidade)
- Compreender que a linguagem não é transparente: o que dizer sobre isso em outra língua?
- Vontade de aprender na relação dialógica
- Ser solidário e saber que é sempre necessário observar os seus limites
- Viver as incertezas
- Priorizar o diálogo de saberes

Os resultados dessa convivência nesses anos mostraram a necessidade de repensar a formação de professores brasileiros, inicial ou continuada, para que possamos construir saídas mais emancipadoras, especialmente para esses contextos.

MENDES, E. (2004) *Abordagem comunicativa intercultural (ACIN): uma proposta para ensinar e aprender língua no diálogo de culturas*. Tese de doutorado, Unicamp.

**Suzani Cassiani  
Irlan von Linsingen**

Coordenadores do Programa de Qualificação de Docentes e Ensino de Língua Portuguesa no Timor-Leste PQLP/CAPES

